

## **O olhar do *griot* sobre o ofício do ator: reflexões a partir dos encontros com Sotigui Kouyaté<sup>1</sup>**

***Isaac Garson Bernat***

UNIRIO

Palavras-chave: África, ator, *griot*, Sotigui Kouyaté, tradição oral.

Quando estive na África em dezembro de 2003 acompanhando o *griot* Sotigui Kouyaté, numa viagem ao Mali e a Burkina Faso, constatei que o cotidiano de um *griot* é constituído pela promoção de encontros. Estes são motivados por razões diversas, desde a solução de problemas individuais, aconselhamentos de família, participação em batismos, em casamentos, funerais ou festas coletivas. Porque na verdade o *griot* não é só ator, cantor, bailarino e músico: mas a principal fonte de armazenamento e transmissão de contos iniciáticos, anedotas e provérbios, através dos quais o africano, de qualquer idade, aprende sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo. Esses elementos da tradição oral são a verdadeira escola africana e o *griot*, o seu mestre principal. Toda a educação, a história do povo africano, assim como a genealogia de suas famílias se dava através da oralidade, pela voz e presença do *griot*. Quanto mais velho um *griot*, mais histórias conta e mais histórias ouve, de mais encontros participa e mais conhecimento adquire. Segundo o tradicionalista malinês Amadou Hampâté Bâ, “na África quando um velho morre, uma biblioteca se incendeia” (Hampâté Bâ: 1999, 1). O *griot* é o mestre da palavra, é ele que não permite que a cadeia de transmissão dos conhecimentos fundamentais de uma vida se apague. Por outro lado, para que se tenha uma noção mais clara da importância de Sotigui, basta dizer que os Kouyaté são os primeiros *griots* que, desde o século treze, passam de pai para filho o conhecimento ancestral, segundo a tradição oral da África Ocidental. A região compreende o ancestral Império Mandinga<sup>2</sup> que teve seu apogeu no século XIII, perdurando até o século XVII.

Se durante a viagem que fiz em 2003 com Sotigui por Mali e Burkina Faso tive a oportunidade de observar o cotidiano da atuação de um *griot* dentro da comunidade, nos estágios ministrados por Sotigui para atores, diretores, bailarinos e palhaços no Rio de Janeiro e em São Paulo pude observar a sua pedagogia apoiada numa tradição que passa de pai para filho desde o século XIII, já que o *griot* pertence a uma casta de artesãos na qual os ofícios são transmitidos hereditariamente, e da qual também fazem parte os ferreiros, os tecelões os trabalhadores de couro e

---

<sup>1</sup> Tese de Doutorado em Teatro defendida em 25 de Abril de 2008 na UNIRIO, orientada pelo Professor Doutor Zeca Ligério.

<sup>2</sup> O Império Mandinga basicamente compreende três povos: os bambara, os diola e os malincas. Estes três grupos têm raízes comuns, mas destacarei os malincas, visto que Sotigui Kouyaté pertence a esta etnia. O Mandê é a região que compreende o antigo Império Mandinga que se situa ao longo do rio Niger subindo para Bamako (Mali) e descendo para Kouroussa (Guiné). Englobava o que é atualmente a Guiné, Mali, grande parte do Senegal, Burkina Faso, parte da Nigéria, todo o norte da Costa do Marfim e a Mauritânia.

os artesãos de madeira. O diferencial do *griot* em relação aos outros ofícios está na própria imaterialidade do seu objeto de trabalho, a palavra.

Nos estágios conduzidos por Sotigui o enfoque principal está sempre na valorização das diferenças como veículo facilitador de uma verdadeira troca entre os indivíduos que desta maneira podem vivenciar um verdadeiro encontro. Esta palavra por sinal é a base da tradição que ampara o *griot*, pois é através dos encontros que podemos ampliar os nossos referenciais sobre os homens e sobre o mundo. Desta forma é possível compreender porque na África Ocidental, quando se vai assistir a um espetáculo, não se diz “eu vou ao teatro”, mas sim “eu vou clarear o meu olhar”. Esta idéia tão impregnada na cultura da África Ocidental, foi o guia dos quatro estágios conduzidos por Sotigui dos quais participei. A partir de exercícios chamados carinhosamente por ele de “exercícios estúpidos” os participantes vivenciaram na prática a necessidade de entrarem em contato com o outro para conseguir resolver os problemas propostos. Um destes “exercícios estúpidos”, por exemplo, consiste em pedir que um grupo de vinte pessoas sentadas em círculo conte de um a vinte sem que haja ordem prévia ou combinação, sendo que duas pessoas não podem falar ao mesmo tempo. Uma mesma pessoa pode falar mais de um número, da mesma forma que alguém pode não dizer número nenhum. O que parece ser um exercício banal encerra várias questões pertinentes ao trabalho do ator, como a importância de não se precipitar, a ativação da escuta, o estar presente, a decisão, o acordo e principalmente o reconhecimento da força do conjunto. Grande parte dos exercícios propostos nos estágios busca despertar e ativar estas qualidades através dos enganos cometidos, pois através deles podemos perceber que ao valorizar excessivamente a técnica nos distanciamos de nós mesmos e dos outros.<sup>3</sup>

Paralelamente a estes exercícios Sotigui traz para os estágios contos de várias partes do mundo para serem trabalhados individualmente e em conjunto. Por ser um mestre da palavra o *griot* possui uma pedagogia particular fundamentada no exercício cotidiano de contar histórias. Os contos iniciáticos apresentados por Sotigui permitem aos participantes dos estágios um mergulho em outras culturas e tradições diversas da sua. Assim, um conto de tradição oral proveniente da África Negra, como o *Cultivador e o Guinarou*, através das palavras e imagens que contém possibilita uma viagem sensorial a este continente tão presente em nossa cultura, mas ao mesmo tempo tão desconhecido. Além desta função de esclarecimento, o mesmo conto toca ainda em questões éticas e humanísticas através da saga do cultivador que alertado por todos a sua volta para não desmatar uma floresta sagrada, encontra um destino trágico ao se deparar com Guinarou, o espírito protetor da mata. Sem didatismo, os contos iniciáticos proporcionam ensinamentos e reflexões profundas,

---

<sup>3</sup> A descrição destes exercícios pode ser encontrada no quarto capítulo da minha tese.

tanto para quem conta como para quem ouve. Nesta relação entre contador e público, o conto, ele próprio, é o vértice do triângulo. É nesta triangulação que reside o poder transformador do ato de contar, pois ele é um ato de comunicação tridimensional (Loiseau: 1992, 131), já que mobiliza três instâncias, o contador, o auditório e o conto, que a partir das suas características próprias se torna um verdadeiro parceiro do contador.

Através da minha prática de professor de interpretação teatral na Escola de Teatro da UNIRIO, durante três semestres desenvolvi com os alunos do bacharelado em interpretação e licenciatura uma pesquisa a partir dos ensinamentos que recebi diretamente de Sotigui. O quarto capítulo da Tese, intitulado *Ensinamentos- Prática e Transmissão* relata esta experiência e reflete sobre a repercussão desta pedagogia no desenvolvimento humano e artístico dos alunos. Se o olhar de um *griot* como Sotigui Kouyaté foi o ponto de partida para estes encontros com os alunos, ao mesmo tempo se construía o meu próprio olhar a partir da troca com os alunos, da minha história como professor e da minha prática artística como ator nos palcos cariocas. Através desta experiência cheguei a algumas conclusões sobre o exercício do ofício do ator na atualidade, bem como sobre elementos importantes na sua formação humana e artística. Na base de tudo que vivenciei neste cinco anos, está sem dúvida à importância de não separar a arte da vida, o homem do artista e para isto há que se considerar sempre as raízes culturais, familiares e a história pessoal de cada um. O interesse pelas diferenças em vez de gerar conflitos é o que pode alimentar a criatividade através de um movimento em direção àquilo e a quem pode lhe ser complementar. Pois é através da relação com o outro que posso me desenvolver. Para estar aberto a este contato é fundamental promover um esvaziamento das expectativas, pois tudo é sempre uma experiência. Para conhecer o outro é fundamental que haja uma abertura, que só pode ocorrer quando há espontaneidade no jogo.

Através dos exercícios percebi que antes de se buscar um aprimoramento técnico, é preciso despertar a alegria, a auto-estima, e valorizar a história pessoal. Pois estas referências são o alimento para o desenvolvimento de uma autoria artística, extremamente salutar numa sociedade que caminha para uma suicida homogeneização cultural. Foi possível ainda comprovar a eficácia da prática de contar histórias, tanto para atores formados como para alunos de teatro no sentido de promover o encontro do artista consigo mesmo, pois ao contarmos uma história sem intermediação de um personagem ou mesmo de uma ação dramática é preciso que estejamos presentes como homens e mulheres que tenham algo a dizer para outros homens e mulheres. Ao contar uma história nos apresentamos com o que temos de mais palpável, ou seja, nossa humanidade, e só assim podemos tornar presentes os mitos e ensinamentos que as histórias contêm. O ato de contar histórias nos aproxima de nós mesmos, pois a parceria com a história e a cumplicidade com os ouvintes só se

estabelecem se o contador compreender que não há uma diferença hierárquica em relação ao público, mas sim uma diferença de circunstância.

Através dos encontros com Sotigui Kouyaté, entrei em contato com a tradição do *griot* e do seu olhar sobre o ofício do ator. Esta convivência reforçou em mim a crença na responsabilidade social deste ofício dentro da sociedade. Tanto no que se refere à prática do ator nos palcos, como no seu aprendizado e aperfeiçoamento, creio que os exercícios, ensinamentos, e toda a pedagogia do *griot*, se configuram como mais uma importante contribuição ao desenvolvimento artístico, espiritual e ético do ofício de ator. O humanismo e a solidariedade presentes na conduta de um *griot* como Sotigui Kouyaté são, a meu ver, fonte de inspiração para que o ator através da palavra retome sua vocação maior, a de ser o intermediário entre o nosso plano cotidiano e um plano mais sutil, no qual só conseguimos entrar através da arte. No entanto, o crescimento de cada um é individual e até mesmo um pouco solitário, pois como dizia o Rabi Nachman, de Brastlav: “Não pergunte a ninguém qual é o teu caminho, pois você corre o risco de não conseguir mais se perder.”

#### **Bibliografia:**

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **Il n’y a pás de petite querelle**. Paris: Stock, 1999.

LOISEAU, Sylvie. **Le Pouvoirs du Conte**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.